

CONSTRUINDO PONTES: os desafios da extensão universitária e da produção de conhecimento que extrapolem os muros universitários

Valeria de Marcos¹

Resumo

O presente trabalho traz para discussão, a partir da experiência de produção do vídeo-documentário intitulado “**Terra em Cana**”, pensado como material didático para ser veiculado em escolas públicas e cursinhos populares, os desafios, dilemas e conquistas da busca de construção e prática de uma extensão universitária entendida como *comunicação* nas duas pontas do processo: na produção do material de forma coletiva e compartilhada com estudantes de Graduação no seio da Universidade e na sua difusão com professores e estudantes de ensino médio e cursinhos populares, colocando em evidência o papel da atividade de extensão universitária na produção de um conhecimento que emancipa.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Vídeo-Documentário, Escola Pública.

Introdução

Como se sabe as universidades brasileiras estão fundadas no tripé ensino-pesquisa-extensão. Esse tripé, porém, com frequência tem sido ignorado pela maior parte dos professores das universidades públicas de muitos cursos, entre os quais os de Geografia. Cada vez mais tem-se priorizado a pesquisa estéril, que dialoga com si própria, não raro em detrimento da qualidade do ensino e da relação ensino-aprendizagem, e pouco, ou quase nada, tem-se feito de extensão. O contato com a realidade que, numa perspectiva dialética, deveria ser o ponto de partida e retorno das pesquisas realizadas, constituindo-se no momento em que o conhecimento produzido é colocado em cheque e tensionado, tem sido frequentemente abandonado. Tal abandono tem impedido, de um lado, a reflexão e o eventual redirecionamento da pesquisa e da extensão em curso e, de outro, tem reduzido o impacto dos resultados das pesquisas sobre a qualidade do que se ensina, sobre a relação pesquisa/ensino-aprendizagem e sobre o papel do professor universitário como formador que aprende.

A consequência imediata do abandono da extensão enquanto tripé fundante da universidade é a produção de um conhecimento – quando de produção se trata – que se autoalimenta, ou seja, que serve a si próprio, a engrossar curriculum numa ótica produtivista² e a edificar muros cada vez mais intransponíveis entre a universidade e a sociedade. A impermeabilidade existente entre ambas – universidade e sociedade – decorre tanto do fato de

¹ Professora do Depto. de Geografia – FFLCH USP. Email: demarcos.vale@usp.br

² Os recentes resultados da avaliação quadrienal da Capes são prova disso (Capes, 2017).

que a sociedade no geral ignora qual seja o verdadeiro sentido da universidade, quanto do fato de que a universidade, muitas vezes fechada em si mesma, dá as costas à sociedade e à desafiadora tarefa da extensão universitária. Tal impermeabilidade, reforçada pelo distanciamento construído por muitos professores – entre os quais também parte daqueles de Geografia –, faz com que seja mais correto pensar em universidade e a sociedade que a circundado que em universidade e a sociedade na qual está inserida, tornando ainda mais desafiadora a tarefa de se fazer uma extensão universitária comprometida e compartilhada, uma *comunicação* como nos diria Paulo Freire.

Os desafios da extensão são muitos: o contato com a realidade concreta e o confronto com questões não previstas *a priori* e que, muitas vezes, exigem uma reformulação em tempo real do projeto e da ação proposto/a; o colocar-se numa condição não de mero transmissor de um conhecimento previamente formulado e validado, mas de facilitador de uma apropriação e produção de conhecimento, por meio de um processo contínuo, de mão dupla, que possibilite inclusive uma reformulação do que se leva ao grupo a partir das questões e novas demandas decorrentes dessa *comunicação*. Em outras palavras, uma *comunicação* que nos permita não apenas colocar questões e apresentar leituras dos problemas identificados, mas também que nos coloque na condição de sermos questionados e estimulados a repensar nossas certezas e pontos de vista sobre o que estamos realizando.

No seio das possíveis áreas de abrangência dos projetos de extensão, talvez um dos maiores desafios é o da construção de uma relação dialógica entre a Universidade Pública e a Escola Pública, momentos do ensino público que estão a distâncias muitas vezes intransponíveis. É sobre essa relação e sobre a busca dessa aproximação que iremos tratar no presente artigo, a partir da experiência da produção de um vídeo-documentário abordando a temática da expansão dos cultivos de agrocombustíveis sobre áreas de produção de alimentos, e de sua difusão em escolas da rede pública de ensino e em cursinhos populares. O projeto, que teve início em 2008, no auge da chamada “crise dos alimentos”, envolveu desde então cerca de trinta estudantes de Graduação de cursos da FFLCH (Geografia – em sua maior parte - e Sociologia) e ECA (Jornalismo) da USP, e se desenvolveu em duas fases: a primeira, composta de leituras, pesquisas, definição de roteiro, filmagem e elaboração do documentário, culminando na elaboração do documentário “*Terra em Cana*”(figura 1) e a segunda, composta de leituras, preparação da equipe e difusão do documentário nas escolas da rede pública de ensino e cursinhos populares. O projeto contou com apoio financeiro da

Universidade de São Paulo através de bolsas de estudo fornecidas pelas PróReitorias de Graduação (PrG) e de Cultura e Extensão (PrCEU), do CNPq, e também com a participação de muitos estudantes voluntários.



Figura 1: Etiqueta do vídeo-documentário “Terra em Cana”, realizado pela Equipe DocumentAGRO sob minha coordenação. Foto da autora.

Assim, o objetivo do presente trabalho é o de apresentar e avaliar a experiência de extensão universitária constituída pela produção de material didático na forma de um vídeo-documentário no que se refere ao significado da extensão universitária, aos desafios da construção coletiva do conhecimento em uma relação horizontal professor/aluno, do domínio da técnica e de uma outra forma de linguagem para a transmissão de conhecimento científico, do preparo das equipes de estudantes que realizam a difusão do documentário desde 2015 e dos resultados alcançados com a difusão do documentário. As reflexões aqui presentes dizem respeito a uma avaliação crítica sobre as duas fases do projeto DocumentAGRO ao longo dos quase dez anos de sua existência e da tentativa, às vezes bem sucedidas, outras menos, de construir uma *comunicação* universitária, como proposta por Paulo Freire.

Sobre a produção do conhecimento e a extensão universitária

Como dito anteriormente, a atividade de extensão, comumente negligenciada por professores universitários nos mais diferentes cursos de Graduação, se pensada como nos propõe Paulo Freire, ou seja, como *comunicação*/diálogo com aqueles com os quais interagimos e não apenas como *extensão*/difusão do que se produz a priori, em um caminho de mão única, além de permitir o contato com a realidade e a possibilidade de repensar os caminhos que trilhamos à medida em que caminhamos, de dar solidez e legitimidade ao conhecimento produzido de modo compartilhado, é uma excelente oportunidade de formação para os estudantes que dela participa, sempre que, também aqui, a extensão seja vista como *comunicação* no seu fazer-se no seio da universidade.

Ocorre que o que parece fácil à primeira vista, é um desafio de grande envergadura por exigir, dos professores que o aceitam, postura atenta e crítica, de modo a evitar a tentação do “comando” da execução do projeto de um lado, e da difusão sem diálogo, de outro. Mais do que isso, é preciso também evitar o oposto, ou seja, uma postura horizontal populista/demagógica, falsamente ancorada em uma igualdade inexistente entre professores e estudantes. Não se trata de desprezarmos o acúmulo que temos sobre a temática tratada pelo projeto como professores e de nos colocarmos “em condição de igualdade” aos estudantes, mas de não o fazer pesar desnecessariamente, buscando propiciar as condições necessárias para que haja interação e apropriação do projeto por parte dos estudantes – que no geral não participam de sua elaboração – dando espaço ao protagonismo decorrente dessa apropriação, o tempo para a descoberta e encontrando o justo equilíbrio entre o espaço da autonomia, da crítica pertinente de quem vê o mundo de uma outra perspectiva, e a orientação necessária até chegar à construção coletiva e compartilhada, ainda que diversamente apropriada, do conhecimento.

No caso específico do projeto em análise, podemos dividi-lo em dois momentos: um, o da sua realização no seio da universidade e outro, o da sua difusão fora dela. No que se refere à sua execução no âmbito da universidade, vários pontos merecem ser destacados: a idealização do projeto, a construção de uma base comum de onde pensar o conteúdo do documentário a ser produzido, o domínio da técnica de elaboração de roteiro, coleta e edição das imagens, a edição final do documentário, o preparo de nova equipe para a difusão e, por fim, o segundo momento, os resultados obtidos com a difusão do documentário nas escolas e

cursinhos populares, as perspectivas futuras e o projeto visto no processo de formação de futuros professores.

A idealização do projeto

A origem do projeto se deu em 2008, quando fui procurada por então três estudantes de Graduação do Depto. de Geografia da FFLCH USP que cursavam a disciplina de Geografia Agrária I comigo no primeiro semestre daquele ano, interessados em concorrer a uma bolsa de extensão no âmbito do Programa da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão “Aprender com Cultura e Extensão”. Na ocasião, diante de meu envolvimento em outros projetos, havia descartado a possibilidade de participar do edital, mas a proposta dos alunos, de produção de um documentário, embora sem tema nem objetivos definidos, e o desafio de pensar uma outra forma de difusão do conhecimento, acessível a um público mais amplo e plural em relação ao acadêmico, me fez reconsiderar a possibilidade. Expliquei-lhes a situação de sobrecarga de trabalho em que me encontrava, pedi um tempo para pensar no assunto e combinei outra reunião com os estudantes.

À época vivíamos o que a mídia estava chamando de “crise de alimentos”, caracterizada pela elevação abrupta dos preços dos alimentos a nível mundial e com repercussões consideráveis na cesta básica brasileira. Discutiam-se as causas dessa elevação e como um dos fatores dessa elevação estava a expansão do monocultivo de cana-de-açúcar sobre áreas antes produtoras de alimentos como arroz e feijão, estimulados pelo Programa Nacional de Agroenergia 2006/2011, fato que os usineiros e a mídia se esforçavam em negar. Considerei que esse pudesse ser um tema para o documentário e vislumbrei inclusive a possibilidade de que ele fosse o primeiro de muitos outros a serem elaborados a partir de então. Na reunião seguinte apresentei a proposta de formato e tema, esclarecendo que só assumiria a tarefa se se tratasse de um documentário com conteúdo pesquisado sobre o tema em questão, algo que tinha um outro formato em relação ao que haviam apresentado³, proposta que foi rapidamente acolhida por eles.

Foi esse o contexto de elaboração do projeto **DocumentAGRO – Série 1 Agroenergia e Crise de Alimentos: compreendendo a questão – Fase 1 Elaboração de**

³ A ideia apresentada pelos alunos era a de realizar pequenos vídeos de conteúdo a ser identificado que pudessem ser postados no *youtube*.

vídeo-documentário. O nome indicava a possibilidade de se criar uma série de documentários sobre o “agro” brasileiro, em um momento em que o termo não tinha a conotação que hoje lhe tem sido dada pelo agronegócio nacional. Em função dos tempos exíguos, ficou sob minha inteira responsabilidade a elaboração e submissão do projeto ao Edital, tendo me sido dada total autonomia para realizar a tarefa. Os estudantes só tiveram contato com a formulação final do projeto após a sua aprovação e por ocasião das inscrições para a participação dos estudantes⁴.

A rápida aceitação da proposta por parte dos estudantes não significou igualmente rápida compreensão que a proposta mudava de conteúdo e qualidade em relação à que eles haviam apresentado: da realização de pequenos vídeos temáticos para serem disponibilizados no *youtube* passava-se à elaboração de um vídeo-documentário com um tema de grande atualidade, com conteúdo aprofundado e formato diferenciado. Enquanto no início do projeto isso pareceu ter sido compreendido, na segunda metade do primeiro ano, com o crescimento da equipe, a consolidação de um grupo que se interessava pela temática e se dedicava com afinco às leituras e discussões, apresentando ideias que adicionavam qualidade ao projeto, de um lado, e a perda da posição de “maioria” por parte do grupo inicial do projeto, de outro, deu lugar ao aparecimento de diferenças, tensões e ruídos relativas à “propriedade” do projeto, fato sobre o qual penso ser importante refletir. Aos poucos foi se consolidando uma nítida divisão entre os novos e os pioneiros, quase coincidente entre aqueles mais comprometidos com as leituras para a construção de um alicerce comum de onde construir o documentário, de um lado, e aqueles que não vendo a necessidade das leituras, pressionavam para o início das filmagens, de outro.

O aumento da tensão no interior do grupo fez aumentar o número de reuniões onde as propostas dos novos eram sistemática e muitas vezes violentamente rechaçadas pelos pioneiros, ora fechados em sua totalidade, ora parcialmente. Outra estratégia adotada foi a de atrapalhar o avanço dos trabalhos, com parte do grupo adotando a ausência em reuniões sucessivas e retomadas de pontos superados em reuniões quando a questão já tinha sido superada, emperrando o andamento do processo. Em um dos momentos de maior tensão chegou-se inclusive a reivindicar a autoria do projeto, insinuando-se inclusive que eu havia

⁴ O projeto foi aprovado tendo sido contemplado com uma bolsa no início e uma segunda bolsa no segundo semestre de andamento.

me apropriado da ideia do projeto⁵. Diante dessa situação, em algumas reuniões fui obrigada a ter atitudes mais enérgicas, em especial naquela em que a insinuação de “roubo” foi levantada; em outras os próprios integrantes se encarregaram disso, chamando a atenção para o comportamento de desrespeito para com os compromissos assumidos, a atitude deliberada de comprometimento do avanço dos trabalhos e o impacto que isso causava sobre a equipe como um todo. A situação se arrastou por um bom tempo, e de fato só foi dissolvida com a saída paulatina dos pioneiros⁶.

Esse episódio, quedurou no tempo e que teve implicações sobre o andamento do projeto, colocou em pauta duas questões centrais: de um lado a necessidade de abertura às transformações e adequações que o projeto inicialmente idealizado em gabinete pode sofrer à medida em que é colocado em prática, fato que, para as atividades de extensão, é fundamental mesmo durante a fase de preparo do projeto na universidade antes de sua difusão à sociedade. Tal postura implica, nos casos de projetos em que a equipe não apenas executa ações, mas reflete coletivamente sobre elas enquanto as realiza, a abertura para aceitação de ideias e pontos de vista que podem mudar radicalmente aquilo que havia sido inicialmente pensado, fato que não se verificou no episódio acima por parte dos “pioneiros”, o que pode ser verificado quando reivindicaram a “propriedade” do projeto. A esse propósito, vale também uma reflexão sobre o que se entende por “propriedade” do projeto: entre expressar o desejo de realizar vídeos para serem inseridos no *youtube* pagos com bolsa da universidade para tal e o que foi acordado antes da elaboração do projeto – a realização de um vídeo-documentário aprofundado sobre temática definida - havia uma grande diferença com a qual, diante da expectativa da bolsa, os estudantes concordaram sem opor resistência de nenhum tipo. Entre a ideia e a redação do projeto com condições de concorrer a uma bolsa também existe um outro caminho a ser percorrido. Por fim, a compreensão de que aos poucos perdiam a chance de definir o que e como fazer em decorrência da participação ativa dos novos alunos os impediu de ver que o projeto não era nem deles, nem meu, mas de todo o grupo.

⁵Em versão divulgada em um TCC apresentado na ECA um dos pioneiros entrevistado chega a dizer que eu havia “roubado” o projeto.

⁶ É preciso deixar claro que não havia consenso entre os três pioneiros. Em muitas ocasiões dois deles se somavam aos demais enquanto o outro – o que menos participava das reuniões, especialmente aos grupos de estudos – se obstinava a ser contrário a qualquer proposta apresentada. Ao fim do primeiro ano um deles saiu para realização de um intercâmbio e não retornou ao projeto, outro saiu no início da metade do segundo ano também para um intercâmbio e o terceiro, aquele que adotava postura contrária *a priori*, ao sentir-se isolado, acabou abandonando o projeto.

De outro, a difícil tarefa de saber o momento exato de agir como coordenador/educador sem o receio de parecer “autoritário”, e a insistência em uma relação de igualdade que, de fato, não é igualitária. No episódio em análise, ter chamado a atenção para o fato do que havia sido previamente combinado e impedir as manobras que atravancavam o andamento do processo teria sido a solução mais fácil ao impasse. A opção de permitir as condições para que os próprios estudantes em seu conjuntotomassem uma posição sobre o assunto, sob o risco de que fosse diversa do que entendia ser a correta, me pareceu na ocasião uma forma democrática de tomada de decisão. Na época avaliei que a melhor forma de fazer-los refletir sobre a postura que estavam adotando seria por meio de uma discussão onde os demais estudantes fossem capazes de fazer-los notar as implicações das posturas que adotavam. Hoje, observando com distância o ocorrido, avalio que antecipar a ruptura posicionando-me de forma mais enérgica talvez não tivesse sido de todo equivocada. Difícil avaliar o que teria sido, mas necessário pensar sobre a tênue linha que separa a firmeza de opinião com razão e o risco de entrar em uma discussão que só reforce a divisão de forma negativa.

Os desafios da construção coletiva do conhecimento

Uma das etapas que exigiu mais tempo para tomar forma foi a da pesquisa e realização de grupos de estudos com o objetivo de construção de um conhecimento comum e compartilhado sobre o tema, a fim de que os passos seguintes pudessem ser dados: a escolha dos conteúdos a serem abordados, a definição do roteiro, a realização das filmagens e a edição do documentário. Com a ampliação da equipe após um semestre de início dos trabalhos, foi necessário dar um passo atrás para colocar os recém-chegados em condições de se inserir no projeto sem prejuízo. Esse é um ponto importante nos projetos de extensão universitários, sobretudo naqueles que possuem continuidade e onde a rotatividade da equipe é constante.

Em algumas situações ocorre grande identificação entre alguns integrantes e o projeto, de modo que eles terminam por permanecer no projeto por algumas edições consecutivas. É raro, porém, que de um ano para outro, quando do término das bolsas concedidas, a equipe se mantenha e se renove na sua totalidade. A tendência é a de troca de integrantes e renovação da equipe, em alguns casos de forma integral. De uma forma ou de outra, o momento de acolhida e de inserção dos novos membros na dinâmica do projeto é fundamental. É

necessário criar espaços de troca de informações sobre a rotina do projeto, apresentando o que já foi feito, como foi feito e o que há pela frente, introduzindo-osao *modus operandi* do projeto, garantido o tempo para que essa apropriação ocorra e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para que os novos se expressem, para que novas ideias possam ser apresentadas e acatadas sem receio, de modo a aprimorar as práticas. O coordenador do projeto tem papel de destaque nesse momento, mas a acolhida será melhor sucedida se ela for feita contemporaneamente pelos membros que permanecem na equipe, com os quais a relação é mais paritária. É, portanto, necessário que haja abertura dos antigos para essa acolhida. É importante destacar isso porque, embora pareça óbvio, de fato não o é: os novos quebram equilíbrios, colocam em risco dinâmicas consolidadas, o que pode gerar desconforto e perda de eventuais posições de “liderança” ou referência conquistadas anteriormente.

O que se verifica de mais comum é um certo tipo de “acomodação” onde os novos, por timidez e desconhecimento do terreno em que pisam, se colocam em segundo plano, num tipo de isolamento que é reforçado pelos antigos, gerando uma situação de “quarentena”, onde permanecem sob observação, como se tivessem que “passar em um teste”. Muitas vezes essa situação é reforçada pelo próprio coordenador que, envolvido em outras atividades, e diante da necessidade de dar continuidade ao projeto, acaba se acomodando ao equilíbrio estabelecido e retomando as atividades do projeto de onde pararam, sem considerar a chegada dos novos. Essa situação, no limite, pode levar a uma sobrecarga de trabalho por parte dos antigos que não delegam aos mais novos que, a longo prazo, pode resultar no desinteresse por parte dos mais novos que se veem excluídos da dinâmica, o que só traz prejuízo para todos.

O que parece dar mais resultado, ainda que não impeça que a dinâmica acima descrita ocorra, é a realização de uma primeira reunião de “boas vindas”, onde o objetivo é o de apresentar o projeto em linhas gerais e de fazer uma apresentação geral da equipe, na qual os novos são convidados a falar de si, de experiências anteriores, expectativas e interesse suscitado pelo projeto. Isso tudo serve a dissolver as situações de tensão e mal-estar do início e levar a uma inserção mais rápida. Outra ação que pode propiciar essa inserção é a “adoção” dos novos pelos antigos, onde os mais novos passam a acompanhar os mais velhos na realização de atividades que não podem ser interrompidas até que aprendam e consigam fazê-las com autonomia. É também fundamental a definição de um rodízio entre as atividades para que todos possam saber fazer tudo no interior do projeto, evitando especializações e possíveis desfalques com saídas inesperadas.

No caso do projeto em análise, em sua primeira etaparealizamos uma reunião de apresentação geral dos novos e antigos e da rotina de trabalho, onde foi também apresentado o que já havíamos feito e como havíamos feito. Foram então identificados textos prioritários para serem discutidos e o grupo pioneiro se encarregou de realizar seminários sobre o conteúdo geral até então apropriado, parte deles sem a minha presença, o que proporcionou a eles um papel de “liderança” que depois foi usado durante várias situações. Para dar andamento aos trabalhos foi realizado novo levantamento bibliográfico com a identificação dos textos a serem discutidos e, a partir de então, foi montado um calendário de reuniões semanais para a realização dos grupos de estudos.

As primeiras reuniões seguiram sem dificuldades, mas a partir de um determinado momento, diante do volume de leitura a ser realizado e do ritmo relativamente lento de avanço teve início novo desconforto, com novo aumento da pressão para que as filmagens tivessem início. Neste ponto, considerando a experiência anterior, não fui flexível e insisti na necessidade de seguirmos as etapas anteriormente identificadas para a realização do documentário. A resposta foi o boicote, com faltas, atrasos nas reuniões e presença sem leitura dos textos, o que gerou novas tensões entre os que respeitavam os compromissos assumidos e os que os boicotavam, fato que levou ao acúmulo de mais atraso no andamento do projeto.

Tentando acalmar os ânimos e retomar o ritmo inicial acordamos que o grupo estaria atento aos eventos relacionados ao tema e buscaria participar daqueles que parecessem mais pertinentes, filmando-os para que tivéssemos um banco de dados para uso sucessivo, o que não descartava a necessidade de leituras sobre o tema. Isso diminuiu a ansiedade, mas não aumentou o ritmo de andamento dos grupos de estudos.

Em um determinado momento o grupo decidiu autonomamente realizar uma filmagem livre no centro, com o objetivo de entrevistar transeuntes sobre seus hábitos alimentares. A atividade foi liderada pelo grupo dos pioneiros, sem que tivesse sido discutida em reunião à qual eu participasse. Houve adesão de todos sem exceção, e rapidamente eles se organizaram para conseguir os equipamentos necessários e definindo data e hora para que todos pudessem participar. A mim, restou observar a iniciativa, fixada por meio de grupo de email do projeto.

Na reunião realizada após a atividade discutimos o ocorrido. Os estudantes, que estavam prontos para o confronto, foram pegos de surpresa quando valorizei a iniciativa e pedi que fizessem uma avaliação do que havia ocorrido, solicitando-lhes que levantassem o

que identificavam como pontos altos e baixos, ou seja, aqueles em que avaliavam que já possuíam domínio e aqueles que entendiam ser preciso melhorar. Surpresos, eles começaram valorizando o fato de terem saído para filmar e terem se colocado “à prova”, mas na sequência identificaram como pontos críticos a falta de preparo para a atividade, tanto no que dizia respeito ao domínio técnico dos equipamentos quanto ao domínio da técnica da entrevista, das formas de abordagem, da necessária desenvoltura nos casos de interlocutores monossilábicos, ou ainda a sobreposição de abordagens entre eles. Outro ponto levantado foi a falta de objetivo da entrevista, que fez com que a atividade, ao invés de ter sido melhor aproveitada, podendo inclusive se prolongar e desenvolver outros pontos com os entrevistados, tivesse tido um fim em si, se esgotasse em duas ou três questões e não tivesse ainda um uso claro. Para minha surpresa, partiu deles a avaliação de que “eu tinha razão”, de que era necessário um preparo efetivo antes de nova ida em campo e a conclusão de que era preciso retomarmos os grupos de estudo com pragmatismo e compromisso para que fosse possível passar à etapa sucessiva. A partir de então, foi definido novo calendário de reuniões intensivo, incluindo sábado em dia inteiro, com lanche comunitário, para recuperar o tempo perdido. O calendário foi respeitado com sucesso e compromisso em relação às leituras e discussões nos grupos de estudos e, em pouco tempo, os textos identificados como centrais foram sendo lidos e discutidos.

O relato detalhado do que ocorreu a esse respeito tem por objetivo refletir sobre a forma como algumas questões são apropriadas pelos estudantes. A necessidade de formação de uma base comum da qual partir para a realização do documentário, aparentemente compartilhada num primeiro momento, com o prolongar-se no tempo em função dos problemas acima relatados, acabou por incomodar também aqueles que, de imediato, a haviam compreendido. O desejo de colocar-se em campo realizando entrevistas era visível e os pioneiros souberam colher a ocasião de terreno fértil para propor a atividade em reunião realizada sem que eu tivesse sido comunicada. O resultado da experiência “provou que eu tinha razão” na ótica dos estudantes, mas me fez compreender que a atitude dos pioneiros de “colher a ocasião” tinha fundamento. Ter tido a sensibilidade de fazer-lhes ir à campo “sem preparo” para que assim compreendessem a importância do preparo sobre o qual eu insistia talvez tivesse acelerado a realização dos grupos e evitado novas tensões, mas sob o impacto do conflito anterior me colocava como única alternativa a expectativa de que a solução da

questão partisse deles. Ao fim, a tentativa de rebelião planejada pelo grupo teve seu efeito oposto e serviu ao desfecho do planejado de forma relativamente rápida.

Definição do roteiro e edição

Uma vez concluída a fase de leituras e discussões dos textos identificados como centrais para a compreensão do tema, passamos à etapa sucessiva, a da definição conjunta dos temas a serem tratados no documentário para posterior identificação/captura de imagens e entrevistas para edição. Foram identificados os grandes eixos temáticos e realizada a divisão dos estudantes em grupos por afinidade temática, com a condição de que nenhum eixo ficasse sob responsabilidade de um único estudante e que se buscasse uma distribuição equilibrada entre os diferentes temas. O objetivo desta etapa era o de elaborar o roteiro do documentário. Com base no que havíamos discutido nos grupos de estudos, cada grupo ficou responsável por elaborar um plano de conteúdo dos temas a seguir com proposta de uso de imagens e entrevistas, identificando em linhas gerais aquelas que já tinham sido coletadas e aquelas a serem realizadas. Nesse momento uma outra decisão havia sido tomada: a de que o documentário seria veiculado nas escolas da rede pública de ensino, numa tentativa seja de desconstrução das informações veiculadas pela mídia, seja de articulação do **DocumentAGRO** ao outro projeto de extensão ao qual estou vinculada, também do Depto de Geografia, o Projeto **Semana de Geografia**⁷.

⁷Coordenado pela Profa. Dra. Gloria da A. Alves, por mim e atualmente pelo Prof. Dr. Eduardo Donizetti Giroto, o projeto **Semana de Geografia** tem por objetivo aproximar a Universidade Pública da Escola Pública. A cada início de ano a equipe propõe uma temática e divulga-a para as escolas da rede pública. Os professores apresentam os projetos que irão desenvolver com seus alunos, ligados à temática ou não e, após aprovados pela equipe, estudantes do curso de Graduação em Geografia, na qualidade de monitores, passam a acompanhar a realização dos projetos nas escolas. No mês de outubro, uma semana é dedicada à apresentação dos trabalhos pelos próprios alunos da rede pública nas dependências do Depto de Geografia. A experiência tem vários pontos positivos: o contato dos alunos de Graduação com a realidade e possibilidade das escolas públicas; o contato dos estudantes da rede pública com a Universidade; a superação das dificuldades para a apresentação dos trabalhos diante dos colegas, alunos de outras escolas e de estudantes do curso de Graduação em Geografia. No contraturno da apresentação os estudantes são acompanhados pelos monitores para almoçar no Restaurante Central e conhecer a Universidade, seja passeando pelo Campus, fazendo alguma atividade específica com alunos inseridos em outros projetos de extensão ou visitando um dos seus museus. O projeto, que também nasceu da iniciativa de estudantes de Graduação em Geografia preocupados com o distanciamento existente entre a Universidade e a Escola Pública, existe desde 2002 e desde então já proporcionou a milhares de estudantes da rede pública o contato com a universidade pública e, em alguns casos, estabeleceu laços sólidos com algumas escolas que foram se tornando participantes frequentes do projeto. Nos últimos anos, temos tido entre os professores que participam ex-alunos do curso e do projeto, que agora na condição de professores, trazem seus alunos para participar das atividades da *Semana*, como é afetuosamente chamado por nós o projeto, fato que comprova sua importância no âmbito do projeto de formação de professores.

Em reunião específica, cada grupo apresentou a sua proposta, a qual foi colocada em discussão, criticada e complementada pelos demais integrantes da equipe. Nos casos em que havia sobreposição dos temas, decidia-se coletivamente o melhor lugar para que determinado tema fosse tratado. Os temas foram apresentados pelos grupos sem ordem definida e apenas após a apresentação de todos é que definimos a ordem em que eles apareceriam no documentário. Essa escolha foi possível a partir da elaboração de um esquema geral do tipo “linha do tempo”, disposto sobre uma mesa de reunião que nos permitiu trocar os conteúdos na totalidade, trocar os “blocos” ou eventualmente algum conteúdo de lugar, de modo a que pudéssemos dar mais fluidez à apresentação das ideias, até que fosse possível chegar a um consenso.

A construção do roteiro desta forma permitiu verificar novamente as possíveis repetições e ausências e readequar o roteiro em comum acordo. Embora também esta etapa tenha exigido um tempo maior do que o inicialmente planejado, foi fundamental que ela tenha sido realizada sem atropelos e no respeito da construção coletiva. Foi garantido amplo espaço para o debate e cada tema foi exaustivamente discutido até ser considerado aprovado pelo grupo, ainda que tivéssemos clareza de que novas mudanças poderiam ser necessárias à medida que a etapa de busca de imagens e montagem fosse realizada. O debate realizado proporcionou um amadurecimento visível entre os estudantes e, de todas as etapas realizadas, foi aquela em que o sentido da extensão enquanto *comunicação* mais se fez presente. Ficou evidenciada a importância de termos insistido na produção coletiva de conhecimento sobre o tema e de termos dedicado o tempo necessário para a realização das discussões aprofundadas sobre a proposta apresentada por cada um dos grupos temáticos. Foi um momento de muita riqueza e apropriação por parte da equipe, em que pela primeira vez vislumbramos o documentário construído de forma coletiva. Nenhum de nós – e me incluo talvez em primeiro lugar nesta lista – saiu no final com o “seu” documentário na íntegra, mas todos reconhecíamos na proposta final a visão que a *Equipe DocumentAGRO* construiu sobre o tema.

Encerrada essa etapa as equipes passaram a se dedicar à seleção das imagens existentes e a pensar e propor imagens a serem capturadas e em entrevistas a serem realizadas para que o conteúdo pudesse ser tratado como planejado no interior do “bloco” sob sua responsabilidade. As propostas foram sendo discutidas e aprovadas em reuniões semanais. Identificados os especialistas a serem entrevistados, elaboravam-se os roteiros das entrevistas que eram

igualmente discutidos até aprovação. Foi realizado também preparo sobre como realizar a entrevista e passou-se então à fase de contato, agendamento e realização das entrevistas feitas inicialmente sob minha supervisão. Cada entrevista realizada era posteriormente discutida pela equipe no que dizia respeito à sua condução, de modo a que fosse possível ir aprimorando a técnica a cada entrevista realizada. À medida em que os estudantes passaram a dominar a técnica da entrevista elas passaram a ser realizadas sem minha presença, pela equipe ou parte dela de forma independente, não sem antes aprovar o roteiro de entrevista em reunião ou pelo menos em uma rodada de emails.

Restava, porém, nesta fase, um outro ponto a ser superado: o domínio da técnica de manuseio dos equipamentos, fato que limitava a agenda à disponibilidade dos que sabiam operar os equipamentos e colocava o trabalho nas mãos de poucos. Outra questão dizia respeito à ausência de um equipamento próprio do projeto, o que nos colocava em condição de dependência dos equipamentos das faculdades envolvidas, o que acabava muitas vezes limitando a agenda. Além disso os equipamentos não eram idênticos e muitas vezes os operadores acusavam dificuldades no seu manuseio ou, o que verificamos apenas depois, não se atentavam para a diferença de formato da captura das imagens que estava determinada na câmera manuseada. O resultado foi que parte das imagens e entrevistas ficaram comprometidas e tiveram seu uso inviabilizado ou reduzido.

Essas questões foram discutidas em reunião, em especial a sobrecarga de trabalho (e de especialização) sobre aqueles que sabiam manusear os equipamentos. Visando reduzir tal sobrecarga ficou decidido que as saídas para capturas de imagens ou entrevistas deveriam envolver maior número de integrantes possível, de modo a propiciar, em cada uma delas, uma situação de aprendizado, sem comprometimento da qualidade das filmagens realizadas. Aos poucos, mais pessoas passaram a saber operar a câmera, mas a questão do formato nem sempre foi verificada, como também nem sempre foi considerada a questão do melhor posicionamento da câmera, da melhor forma de trazer o zoom, da verificação da qualidade do som, do posicionamento dos entrevistados no que dizia respeito à iluminação, de seu melhor enquadramento, etc. Isso tudo gerou bastante diferença entre as tomadas realizadas e, em alguns casos, impediu seu uso.

A edição, por sua vez, se revelou ainda mais complexa do que o inicialmente previsto. Primeiro porque é preciso pensar, antes de mais nada, a que tipo de equipamento e software iremos nos apoiar. Segundo, porque neste caso o domínio da técnica é ainda mais necessário e

pode determinar ou não o sucesso do trabalho. No caso da experiência em análise, esse foi o ponto nevrálgico, o que o levou à sua crise e determinou o seu longo tempo de realização.

No início o projeto contava com dois integrantes que tinham o domínio do processo de edição, uma estudante do curso de Jornalismo da ECA e outro do curso de Geografia. Ambos possuíam um computador Apple e licença para uso do software Final Cut para a edição das imagens e disponibilizaram seus equipamentos e conhecimentos para a edição do documentário. Diante desta possibilidade não pensei em resolver essa questão institucionalmente. Comprei um HD com recursos próprios para o armazenamento das imagens e contei com o equipamento e conhecimento de ambos para a edição do documentário. Porém, que pareceu ser ponto resolvido à época não tardou a se transformar em problema.

As filmagens e avanços de coleta dos materiais dos blocos começou a ter um tempo de execução muito lento. Cada entrevista e filmagem exigia a sua *decoupage*, ou seja, uma espécie de transcrição com indicação de minutagem para posterior seleção da imagem. No início os estudantes realizaram tarefa com afinco, mas não tardaram a esmorecer diante do longo tempo de trabalho empregado e da dificuldade que a atividade apresenta. O resultado foi que os prazos estabelecidos passaram a não ser cumpridos por diferentes motivos: ou as entrevistas e filmagens não conseguiam ser realizadas por falta de equipamento ou agenda ou, quando eram realizadas, tinham sua *decoupage* feita de forma bastante lenta, o que acarretava em atraso para fornecimento do “boneco” do bloco para edição. Os prazos passaram a ser periodicamente renegociados e, não raro, os responsáveis pela edição se preparavam para realizá-la e, no dia e horário combinado, o grupo responsável não se apresentava ou não trazia o material como combinado, o que acabava gerando perda de tempo e sacrifício de outros compromissos em vão por parte dos editores. Aqueles que cumpriam seus prazos se viam emperrados pelos demais, o que gerava desmotivação. O resultado foi outro ciclo de tensões e discussões sobre a necessidade do compromisso com os prazos e tarefas assumidas, tendo mais uma vez sido destacado os impactos sobre o andamento do projeto em geral.

Várias foram as vezes em que parecia que iríamos conseguir caminhar, mas não saíamos do lugar. Já sem saber mais como intervir, alertei para o aspecto do compromisso assumido em relação à bolsa, mas o efeito acabou sendo o contrário, fato que gerou a necessidade de desligamento de alguns bolsistas e incorporação de novos, que chegavam ao

projeto sem conhecimento e experiência, o que nos forçava a um novo passo atrás em um momento em que o tempo para que a necessária incorporação dos novos ao grupo era exíguo. Em um determinado momento a estudante da ECA, uma das responsáveis pela edição, comunicou que sairia do projeto após a defesa de seu TCC prevista para dois meses após o aviso, sinalizando para a necessidade de cumprimento dos prazos, mas nem isso teve o efeito esperado. Quando sua saída ocorreu, pouco havíamos avançado e todo o trabalho de edição ficou concentrado em apenas um estudante. A situação perdurou por dois meses, mas no final do ano, com a equipe reduzida e a sobrecarga de trabalho aumentada, também ele decidiu abandonar o projeto. Assim, chegávamos ao final de 2010 com o roteiro definido mas sem que o documentário tivesse sido editado e, pior, com um número reduzido de integrantes e sem quem soubesse fazê-lo.

Diante do fato me reuni com os estudantes restantes para saber qual era a intenção deles em relação ao projeto e, diante da disponibilidade de permanecerem no projeto, no início do ano seguinte procurei ajuda em dois laboratórios ligados à FFLCH para verificar se havia possibilidade de contar com auxílio técnico. Fomos acolhidos por um deles e reiniciamos os trabalhos. Foi então que tomamos conhecimento das irregularidades técnicas com relação à forma como as imagens tinham sido capturadas e transferidas para o HD. O responsável pelo laboratório que nos acolheu foi muito gentil, ensinando os estudantes a transferir as imagens de forma correta e a editar o documentário. Refizemos o trabalho, separamos aquelas em condições de serem utilizadas e montamos a primeira versão do documentário a partir do roteiro inicialmente estabelecido. Tudo isso passou a ser feito por estudantes voluntários, nos recortes de tempo que podiam dedicar ao projeto, sem nenhum conhecimento de edição, o que comportou mais atraso para a sua finalização.

Cada um de nós viu o documentário e identificou o que conseguiu visualizar como problemas e mudanças a serem realizadas. Fizemos uma primeira revisão conjunta do documentário e passamos a definir o que inserir nas lacunas existentes e a pensar no conteúdo da narração. Nos dividimos para a busca das imagens e realização de entrevistas e da gravação da narração, feita também de forma voluntária por um estudante de doutorado do PPGH FFLCH USP. Tudo isso foi feito nos recortes de tempo que cada um de nós podia disponibilizar. Outros imprevistos ocorreram e levaram à paralisação do documentário até que sua conclusão se deu no final de 2014.

Sobre esse ponto também algumas considerações precisam ser feitas. O projeto não contou com financiamento além das bolsas e de poucos recursos destinados à aquisição de material que, uma vez não concluído o DVD, tiveram que ser devolvidos sem uso. Isso impediu que adquiríssemos um equipamento próprio tanto para gravação quanto para edição e nos colocou na dependência de disponibilidade de equipamentos diversos que, somados à inexperiência dos estudantes e à minha própria, como já dito, comprometeram o formato das imagens coletadas e, em alguns casos, impediram o seu uso. Também não contou com técnico especializado na realização de audiovisuais e, portanto, todas as questões acima indicadas foram verificadas apenas no momento da edição. Os detalhes técnicos que inviabilizavam o uso de algumas imagens, a sobrecarga de trabalho e monotonia de algumas atividades que precisavam ser realizadas com cura de detalhes para facilitar a edição final, desestimulou aqueles que tinham entrado no projeto com a ideia de que bastava filmar e dispor as imagens com alguma ordem em um programa de uso simples e o documentário estaria pronto. Também eu havia imaginado que a tarefa fosse menos complexa do que ela de fato se mostrou, tendo sido pega de surpresa diante das dificuldades que foram aparecendo ao longo do caminho. Felizmente pude contar com o apoio de alguns estudantes em fases decisivas do projeto que vislumbraram que a importância do que se fazia era maior do que as inúmeras dificuldades que apareceram, e que assumiram comigo a tarefa de sua finalização. Aqueles estudantes que ingressaram no projeto interessados na bolsa ou achando que seria tarefa simples, diante das dificuldades e aumento do trabalho e do tempo de dedicação exigido, o abandonaram sem prévio aviso.

Os estudantes que assumiram a tarefa no final, fizeram o melhor que foi possível fazer diante das condições dadas e, considerando o propósito do projeto que era o de construção coletiva com os estudantes, o que conseguimos produzir foi, sem dúvida alguma, de valor inestimável. Porém, em uma próxima edição, alguns procedimentos não podem ser repetidos: (1) é necessário garantir que todas as capturas sejam feitas com o mesmo equipamento e no mesmo formato; (2) ainda que seja fundamental garantir aos estudantes o aprendizado do manuseio dos equipamentos, tanto a captura quanto em especial a edição das imagens deve ser feita ou supervisionada por funcionário responsável e em equipamento da universidade. Os tempos dos estudantes são diferentes dos nossos e por maior que seja o envolvimento do aluno com o projeto, raros são os casos em que se equivale ao que nós temos. Dificuldades muitas vezes são vistas como desestímulos, não como desafios. Pessoalmente posso dizer que

tive a sorte de ter encontrado alguns alunos que fizeram a diferença, sem os quais o documentário não teria sido finalizado, e aos quais devo gratidão eterna. Mas foi sorte e seria melhor evitar contar com ela em uma próxima vez. Com a distância dos fatos sigo convicta de que todos aqueles que participaram desta etapa, sem exceção, com maior ou menor compromisso e envolvimento, levaram para suas futuras vidas profissionais uma vasta experiência de onde prosseguir, ainda que seja a do que não fazer.

Fase 2: a formação de nova equipe e a difusão em escolas públicas e cursinhos populares.

Desde 2014 o projeto entrou em sua segunda fase. Animada com a possibilidade de sua conclusão em tempo breve, abri a segunda fase em novo edital do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo, ao qual aderiram dez estudantes, cinco bolsistas e cinco voluntários. Como se tratava de equipe nova, foi necessário retomar os grupos de estudos a partir das leituras que deram base ao documentário para que ocorresse a preparação dos mesmos. O procedimento foi semelhante àquele adotado para a definição dos conteúdos do documentário: a equipe toda leu todo o material indicado em grupos de estudos de periodicidade semanal. O grupo assistiu ao documentário ainda em fase de finalização e, na sequência, a equipe se dividiu pelos temas dos blocos para pensar em estratégias didáticas para a apresentação do documentário nas escolas, enquanto o mesmo estava sendo finalizado. Apresentamos o projeto como oficina no âmbito da Semana de Geografia, contando com a participação de alguns professores da rede pública que emitiram uma opinião bastante positiva sobre o mesmo. No final desta edição do projeto conseguimos realizar apenas duas apresentações do projeto sendo uma em cursinho popular e uma em escola pública. Foram realizadas outras duas edições da segunda fase, com outras duas novas equipes.

A segunda edição contou com renovação total da equipe e foi necessário interromper a divulgação para a formação do grupo. Desta vez iniciamos com a visualização do documentário já finalizado e na sequência fizemos a leitura e discussão do material bibliográfico que serviu de base para a elaboração do documentário. Isso permitia a realização de links entre o que discutíamos nos textos e o que era retratado no documentário, facilitando a apropriação do conteúdo pelos estudantes. Discutimos também as estratégias didáticas que a equipe anterior havia construído de forma a que pudessem colocar em prática quando da ida

às escolas. Fizemos também a apresentação oficial do vídeo no Depto. de Geografia FFLCH USP com ótima participação e críticas bastante positivas sobre o resultado final.

Quando considerei que a equipe estava preparada, organizei uma apresentação em escola pública, atividade à qual participei. Foi uma experiência muito proveitosa, que me permitiu observar de um lado a reação e a discussão que o documentário desperta entre professores e estudantes e, de outro, comprovar o preparo e capacidade da equipe em tocar sozinhos a fase de divulgação a partir de então. As discussões e problematizações foram levantadas por eles, como também foram eles que responderam à maior parte das perguntas. Minha participação foi bastante reduzida e se deu apenas quando solicitada. Foi muito gratificante ver tanto o interesse por parte dos estudantes e professores quanto o resultado do trabalho de formação da equipe para divulgação.

À medida em que as apresentações eram feitas foi ficando claro que servia a pouco preparar estratégias de apresentação pois cada experiência imprimia uma dinâmica distinta. O que passamos a fazer, sem exceção, foi uma avaliação geral na reunião sucessiva à apresentação para que os eventuais problemas pudessem ser notados e resolvidos. A terceira edição contou com renovação parcial da equipe o que possibilitou que a divulgação não fosse interrompida, tendo-nos permitido atingir um número maior de estudantes.

Também na segunda fase, em suas três edições, embora o envolvimento tenha sido maior, alguns integrantes tiveram o mesmo comportamento de descomprometimento, com atrasos nas reuniões, participação sem leitura, não realização da tarefa à qual estavam incumbidos. O preparo da equipe sem distinções acabava permitindo que as lacunas fossem sanadas o que, ao fim, não servia muito para que os estudantes menos comprometidos se vissem chamados à sua responsabilidade. Ao fim, a equipe entendeu ser melhor realizar as discussões em blocos, por considerar que boa parte do volume de informação que o documentário traz acabava se perdendo quando discutido na sua integridade. Por mais que tivessem uma lista dos pontos que deveriam destacar se os alunos não as tocassem espontaneamente, não raro algo acabava escapando.

O documentário foi apresentado prioritariamente em cursinhos populares e escolas da rede pública no ensino médio. Apenas em uma ocasião a equipe foi convidada para apresentar o documentário no seio de uma atividade realizada por uma ONG no contraturno escolar, com alunos de diferentes faixas etárias. A equipe sentiu mais dificuldade em tratar dos temas e foi

dali que decidiram realizar as divisões por blocos. Tal divisão foi depois testada com alunos do ensino médio e avaliada como a melhor forma de realizar a apresentação.

A terceira equipe da fase de divulgação trouxe uma nova demanda: a atualização dos dados e a discussão de temas atuais que tinham ligação direta ou indireta com as questões tratadas pelo documentário. Foi uma nova forma de trabalhar, proporcionada pela manutenção de parte da equipe que permitiu tanto a acolhida dos novos quanto um ganho de qualidade nas interpretações que traziam e nas problemáticas que apontavam nas apresentações por parte daqueles que estavam em seu segundo ano. Também nesta fase entendo que tenhamos alcançado o objetivo de realizar uma extensão no formato da *comunicação* acenada acima.

O que ficou como problema a ser resolvido é o estreitamento dos laços com as escolas públicas. Faltou um retorno às escolas para verificar o que os professores e alunos trabalharam a partir da sua apresentação e do que se apropriaram. Embora a atividade tenha proporcionado um contato ainda que breve dos estudantes da escola pública com os estudantes da universidade pública⁸, faltou uma aproximação maior com os professores, uma avaliação do papel do documentário feita por quem está na sala de aula com os alunos.

Do ponto de vista da formação dos estudantes da Graduação em geografia que dele participaram, de acordo com as avaliações feitas por eles próprios, o projeto teve grande importância ao propiciar autonomia, melhorar a capacidade de expressão, auxiliar no percurso de formação de professores, fato que só reforça o que já dissemos antes: a importância da atividade de extensão no processo formativo do aluno e a necessidade de que esse tripé seja valorizado.

Considerações finais

A experiência analisada no presente trabalho buscou tratar, de forma clara e crítica, dos desafios, conquistas e dificuldades de construção e material didático, com estudantes de Graduação, destinado à sua difusão em escola pública e por meio de atividade de extensão. Em função da complexidade da tarefa, vários foram os problemas enfrentados ao longo do caminho explicitados ao longo do presente artigo. Tais problemas só se verificaram porque

⁸Além das questões relativas ao conteúdo do documentário, não raro a equipe também abordou questões ligadas à possibilidade de ingresso e permanência na universidade, o que também pode ser interpretado como uma forma de aproximação dessas duas pontas do ensino público.

assumimos o desafio de adentrar em caminho desconhecido e de descobrir o caminho, caminhando. Dito de outra forma, porque ousamos colocar em prática o desafio lançado por Paulo Freire de realizar uma extensão que antes de mais nada é *comunicação* nos dois momentos de sua realização: no momento da produção do conhecimento no seio da universidade, com os estudantes que se envolveram no projeto, e no momento da *comunicação* do resultado à sociedade, com os professores que abriram suas salas e os alunos que participaram da atividade. Não se trata de tarefa fácil e sem conflito, mas é a única forma de produzir um conhecimento liberto e que liberta, um conhecimento que permite a emancipação também daquele que ao achar que ensinou, descobre que aprendeu.

Referências Bibliográficas

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8ª. Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983

MARCOS, V. de. DocumentAGRO: reflexões sobre uma experiência de produção de vídeo-documentário e extensão universitária. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, XXIII, 2016. **Anais do XXIII ENGA**, Aracaju-SE, UFS, snp, 17p. snp. Disponível em: <http://enga.com.br/anais/index.php>